

A TRAJETÓRIA FORMATIVA DE UM ESTUDANTE COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NO CURSO DE PEDAGOGIA EM UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA BAIANA: NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA

THE TRAJECTORY OF A STUDENT WITH AUTISTIC SPECTRUM DISORDER IN THE PEDAGOGY COURSE AT A PUBLIC UNIVERSITY OF BAHIA: AUTOBIOGRAPHICAL NARRATIVE

LA TRAYECTORIA DE UN ESTUDIANTE CON TRASTORNO DEL ESPECTRO AUTISTA EN EL CURSO DE PEDAGOGÍA DE UNA UNIVERSIDAD PÚBLICA DE BAHÍA: NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA

Fagner Bispo Afonso¹ <https://orcid.org/0009-0009-1216-6802>
Lilian Moreira Cruz² <https://orcid.org/0000-0003-4686-5803>

¹ Universidade Estadual de Santa Cruz – Ilhéus, Bahia, Brasil; fbafonso.pdg@uesc.br

² Universidade Estadual de Santa Cruz – Ilhéus, Bahia, Brasil; lmacruz@uesc.br

RESUMO: O aumento de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no Ensino Superior brasileiro tem evidenciado a urgência de políticas e práticas inclusivas mais efetivas. Este estudo tem como objetivo analisar os desafios vivenciados por um estudante com TEA durante sua trajetória em uma universidade pública do interior da Bahia. A pesquisa, de abordagem qualitativa, utilizou narrativas autobiográficas como principal método para compreender as experiências do discente. A análise revelou barreiras expressivas à inclusão, como atitudes discriminatórias, fragilidade nas políticas institucionais e escassez de ações de apoio pedagógico e emocional. Os resultados apontam a necessidade de formação continuada de docentes e técnicos, capazes de compreender e acolher as especificidades do público autista. Defendemos que a inclusão ultrapassa o campo das legislações, exigindo mudanças de postura, metodologias diversificadas e valorização das singularidades. A universidade, como espaço plural e democrático, deve garantir condições reais de participação e aprendizagem para todos. Concluimos que é imprescindível individualizar as estratégias inclusivas e investir na qualificação dos profissionais, assegurando a adaptação, permanência e sucesso acadêmico dos estudantes com TEA no ensino superior.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista; Ensino Superior; Desafios.

ABSTRACT: The increase in students with Autism Spectrum Disorder (ASD) in Brazilian Higher Education has highlighted the urgency of more effective inclusive policies and practices. This study aims to analyze the challenges experienced by a student with ASD during his career at a public university in the interior of Bahia. The research, with a qualitative approach, used autobiographical narratives as the main method to understand the student's experiences. The analysis revealed significant barriers to inclusion, such as discriminatory attitudes, weaknesses in institutional policies and a lack of pedagogical and emotional support actions. The results point to the need for continued training of teachers and technicians, capable of understanding

A TRAJETÓRIA FORMATIVA DE UM ESTUDANTE COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA
NO CURSO DE PEDAGOGIA EM UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA BAIANA: NARRATIVA
AUTOBIOGRÁFICA

Fagner Bispo Afonso • Lilian Moreira Cruz

and embracing the specificities of the autistic public. It is argued that inclusion goes beyond the field of legislation, requiring changes in stance, diversified methodologies and appreciation of singularities. The university, as a plural and democratic space, must guarantee real conditions of participation and learning for everyone. It is concluded that it is essential to individualize inclusive strategies and invest in the qualification of professionals, ensuring the adaptation, permanence and academic success of students with ASD in higher education.

Keywords: Autism Spectrum Disorder; Higher education; Challenges.

RESUMEN: El aumento de estudiantes con Trastorno del Espectro Autista (TEA) en la Educación Superior brasileña ha puesto de relieve la urgencia de políticas y prácticas inclusivas más efectivas. Este estudio tiene como objetivo analizar los desafíos vividos por un estudiante con TEA durante su carrera en una universidad pública del interior de Bahía. La investigación, con enfoque cualitativo, utilizó narrativas autobiográficas como método principal para comprender las vivencias de los estudiantes. El análisis reveló barreras importantes para la inclusión, como actitudes discriminatorias, debilidades en las políticas institucionales y falta de acciones pedagógicas y de apoyo emocional. Los resultados apuntan a la necesidad de una formación continua de profesores y técnicos, capaces de comprender y abrazar las especificidades del público autista. Se sostiene que la inclusión va más allá del campo de la legislación, requiriendo cambios de postura, metodologías diversificadas y apreciación de las singularidades. La universidad, como espacio plural y democrático, debe garantizar condiciones reales de participación y aprendizaje para todos. Se concluye que es fundamental individualizar estrategias inclusivas e invertir en la calificación de profesionales, asegurando la adaptación, permanencia y éxito académico de los estudiantes con TEA en la educación superior.

Palabras clave: Trastorno del Espectro Autista; Educación superior; Desafíos.

Introdução

Nos últimos anos, observa-se um crescimento expressivo no número de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) que ingressam no ensino superior brasileiro (INEP, 2018). Esse aumento, ao mesmo tempo em que representa um avanço no acesso à educação, amplia a necessidade de implementação de políticas educacionais inclusivas e de práticas de acolhimento. Tais medidas encontram respaldo legal no artigo 59 da Lei nº 9.394/96, que atribui aos sistemas de ensino a responsabilidade de assegurar o acesso e a permanência de estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação no ambiente acadêmico (Brasil, 1996).

Apesar das conquistas normativas, a permanência de estudantes com TEA na universidade ainda é marcada por desafios significativos. Entre eles, destacam-se as dificuldades de concentração (associadas ao hiperfoco e aos interesses restritos), as demandas socioemocionais (vinculadas à interação com colegas e professores) e as exigências acadêmicas (que podem gerar sobrecarga emocional, ansiedade e estresse). Esse cenário reforça a necessidade de uma rede de apoio institucional capaz de oferecer condições adequadas para o



A TRAJETÓRIA FORMATIVA DE UM ESTUDANTE COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA
NO CURSO DE PEDAGOGIA EM UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA BAIANA: NARRATIVA
AUTOBIOGRÁFICA

Fagner Bispo Afonso • Lilian Moreira Cruz

êxito desses/as estudantes, em consonância com o artigo 27 do Decreto nº 3.298/1999, que orienta adaptações curriculares e metodológicas (Brasil, 1999).

Entretanto, muitas Instituições de Ensino Superior (IES) ainda encontram dificuldades em atender plenamente às demandas desse público, uma vez que cada estudante apresenta características singulares. Como ressalta Ferreira (2009, p. 17): “no autismo, nem todos são iguais e nem todos têm as mesmas características. Uns podem ser mais atentos, uns mais intelectuais e outros mais sociáveis, e assim por diante”. Assim, emerge a seguinte questão de pesquisa: quais as idiossincrasias observadas durante a trajetória formativa de um estudante com TEA em uma universidade pública baiana?

Diante dessa problemática, o estudo apresenta como objetivo geral: analisar os desafios enfrentados por um estudante com Transtorno do Espectro Autista (TEA) durante sua trajetória acadêmica em uma universidade pública da Bahia, com foco nas barreiras institucionais, sociais e pedagógicas, além das estratégias de inclusão adotadas no ambiente universitário. Como objetivos específicos, propõe-se: a) identificar quais estratégias formativas estão sendo adotadas pela universidade pública baiana para atender às necessidades específicas do discente com TEA; b) investigar o impacto das práticas inclusivas, dentro e fora da sala de aula, no processo de aprendizagem do discente com TEA.

A motivação para a realização desta pesquisa se dá em duas dimensões: pessoal e prática. No âmbito pessoal, destaca-se o diagnóstico tardio de autismo recebido por mim, primeiro autor deste estudo, já na fase adulta, o que impulsionou o interesse em aprofundar reflexões sobre o tema. Soma-se a isso a vivência das dificuldades enfrentadas ao longo do curso de Pedagogia, especialmente no que se refere à ausência de suporte pedagógico adequado e de estratégias inclusivas adaptadas às necessidades específicas. Do ponto de vista prático, a motivação decorre da escassez de estudos que abordem, de forma aprofundada, a experiência de estudantes com TEA no ensino superior, especialmente no contexto baiano.

Esperamos que este estudo contribua para o debate científico ao evidenciar a importância da individualização das práticas inclusivas voltadas a estudantes com TEA e ao fomentar o investimento das universidades na formação continuada de professores. Tais ações podem potencializar não apenas a adaptação desses sujeitos ao ambiente acadêmico, mas também a construção de um ensino superior verdadeiramente inclusivo, democrático e emancipador.

Contexto histórico do Transtorno do Espectro Autista

Ao longo do século XX, diferentes interpretações foram atribuídas ao que hoje conhecemos como Transtorno do Espectro Autista (TEA), cuja conceituação e critérios diagnósticos só se consolidaram décadas mais tarde. O termo "autismo" foi empregado pela primeira vez em 1911 pelo psiquiatra suíço Eugen Bleuler, que o utilizou para descrever um sintoma da esquizofrenia, caracterizado pela “fuga da realidade e retraimento interior” dos pacientes (Cunha, 2017). Para Bleuler (2005 apud Durval, 2011), tratava-se de um “desligamento da realidade, combinado com a predominância relativa ou absoluta da vida interior”.

Em 1943, Leo Kanner, psiquiatra austríaco, publicou um artigo a partir da observação de 11 crianças com sérios problemas de comunicação e isolamento social. Nesse estudo, Kanner diferenciou o autismo da esquizofrenia e introduziu o termo "autismo infantil", posteriormente denominado "autismo clássico" no DSM-IV. No mesmo período, Hans Asperger, em sua tese de doutorado defendida na Universidade de Viena, descreveu crianças com características semelhantes às observadas por Kanner, mas sem comprometimento intelectual, cujos sintomas surgiam após os três anos de idade.

Quase quatro décadas depois, em 1981, a psiquiatra britânica Lorna Wing comparou as descrições de Kanner e Asperger, identificando inúmeras semelhanças entre os casos e propondo que não se tratava de transtornos distintos, mas de variações dentro de um mesmo quadro clínico. A partir dessa constatação, cunhou o termo “espectro”, posicionando os casos de Kanner como mais severos e os de Asperger como mais leves, estes últimos definidos como “Síndrome de Asperger”.

Atualmente, segundo o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5), o TEA é definido como um transtorno do neurodesenvolvimento caracterizado por déficits persistentes na comunicação e interação social, associados a padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades (APA, 2014). Estudos como os de Malheiros (2017) destacam a relevância do diagnóstico precoce, uma vez que a intervenção nos primeiros anos de vida pode trazer impactos significativos no desenvolvimento global da criança, em especial nas áreas de linguagem, interação social e habilidades cognitivas, favorecendo melhores condições para a vida adulta, inclusive no acesso e permanência no ensino superior.

A plasticidade cerebral, mais acentuada na infância, reforça a importância da intervenção precoce, que pode incluir terapias comportamentais, ocupacionais,

A TRAJETÓRIA FORMATIVA DE UM ESTUDANTE COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA
NO CURSO DE PEDAGOGIA EM UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA BAIANA: NARRATIVA
AUTOBIOGRÁFICA

Fagner Bispo Afonso • Lilian Moreira Cruz

fonoaudiológicas e programas de apoio especializados. Esse conjunto de práticas potencializa o desenvolvimento e contribui para reduzir ou mitigar os desafios enfrentados ao longo da vida, possibilitando uma trajetória acadêmica e social mais inclusiva (Malheiros, 2017; Assumpção; Kuczynski, 2011).

Contexto brasileiro: legislações que amparam a pessoa com TEA

No Brasil, o reconhecimento legal dos direitos da pessoa com autismo se fortaleceu especialmente a partir da Lei nº 12.764/2012, conhecida como Lei Berenice Piana, que instituiu a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. A partir dessa lei, os indivíduos com TEA passaram a ter os mesmos direitos assegurados às pessoas com deficiência, entre eles o acesso à educação inclusiva.

Entretanto, historicamente, a legislação educacional brasileira oscilou entre posturas inclusivas e segregacionistas. A LDBEN nº 9.394/1996, apesar de representar um marco na democratização do ensino, manteve uma visão excludente ao prever que o atendimento poderia ocorrer em classes ou escolas “especializadas”, caso a integração em turmas comuns não fosse considerada viável (Brasil, 1996).

O cenário começou a se transformar com a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008), que avançou ao adotar o Modelo Social da deficiência. Essa perspectiva rompe com o Modelo Médico, que atribuía a deficiência exclusivamente ao indivíduo, e propõe que a deficiência resulta da interação entre limitações pessoais e barreiras sociais. A Lei Brasileira de Inclusão (Lei nº 13.146/2015) consolidou essa mudança, destacando em seu artigo 28 a obrigação do Estado em assegurar um sistema educacional inclusivo em todos os níveis e modalidades, incluindo o ensino superior, até então pouco contemplado pelas políticas de educação especial.

O estudante com TEA no ensino superior em universidades públicas

O acesso de estudantes com TEA ao ensino superior é ainda um campo recente e pouco explorado. Silva *et al.* (2016), com base em dados do INEP, traçaram o perfil desses estudantes e constataram a predominância de homens brancos. Tal resultado está relacionado, por um lado, a fatores biológicos apontados pela literatura médica e, por outro, à subnotificação de mulheres



A TRAJETÓRIA FORMATIVA DE UM ESTUDANTE COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA
NO CURSO DE PEDAGOGIA EM UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA BAIANA: NARRATIVA
AUTOBIOGRÁFICA

Fagner Bispo Afonso • Lilian Moreira Cruz

e pessoas negras, resultado de estereótipos de gênero e da desigualdade no acesso aos serviços de saúde.

No caso brasileiro, pesquisas evidenciam que as universidades públicas ainda carecem de políticas de suporte específicas para estudantes com TEA. Santos *et al.* (2020), ao estudarem a UFBA, constataram a ausência de programas voltados a esse público: os serviços institucionais atendiam apenas pessoas com deficiências auditiva, visual e física, sem contemplar autistas, nem contar com equipes multiprofissionais de saúde mental.

Outros estudos, como o de Aguilar e Rauli (2020), reforçam essa lacuna ao identificarem a necessidade de adaptações pedagógicas e de formação de toda a comunidade acadêmica. Pereira (2019), por sua vez, mostrou como a constituição de uma rede de apoio envolvendo docentes, coordenação, colegas e familiares foi fundamental para o sucesso acadêmico de um estudante autista.

Apesar de baseados em amostras reduzidas, característica das pesquisas qualitativas -, esses estudos revelam um ponto em comum: a fragilidade estrutural das Instituições de Ensino Superior (IES) no Brasil para acolher estudantes com TEA. A insuficiência de políticas e práticas inclusivas adequadas reforça a urgência de ampliar investigações e iniciativas que discutam como se dá, na prática, a inclusão desse público no ensino superior.

Caminhos metodológicos da pesquisa

Esta pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de caráter autobiográfico, por considerar que tal perspectiva possibilita explorar experiências subjetivas e singulares, ampliando o campo de análise sobre os processos formativos. Como afirma Yin (2016), a pesquisa qualitativa se caracteriza, entre outros aspectos, por estudar o significado atribuído pelas pessoas às suas vivências em contextos reais; por representar as opiniões e perspectivas dos participantes; e por valorizar as condições contextuais em que as experiências se desenvolvem. Nesse sentido, destacamos a autenticidade, uma vez que não há controle rígido sobre ações ou falas, mas abertura para a expressão integral do sujeito.

No presente estudo, trazemos narrativas de aspectos da trajetória pessoal e acadêmica de um estudante com Transtorno do Espectro Autista (TEA), matriculado no curso de Licenciatura em Pedagogia de uma universidade pública baiana. A instituição, localizada no interior do estado, oferece 43 cursos de graduação, 18 de pós-graduação *lato sensu* e 27 de pós-graduação *stricto sensu*. O curso de Pedagogia, fundado em 1991, encontra-se atualmente em

A TRAJETÓRIA FORMATIVA DE UM ESTUDANTE COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA
NO CURSO DE PEDAGOGIA EM UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA BAIANA: NARRATIVA
AUTOBIOGRÁFICA

Fagner Bispo Afonso • Lilian Moreira Cruz

transição curricular: o pesquisador segue o projeto de 2013, embora um novo currículo, aprovado em 2024, esteja em vigor para ingressantes a partir do ano de 2025.

A narrativa autobiográfica busca retratar com fidelidade sentimentos, perspectivas e valores, constituindo-se como um exercício de reflexão sobre si mesmo. Para Abrahão (2004 *apud* Wiercinski, 2014), na pesquisa autobiográfica “o sujeito se desvela para si e se revela para os outros como uma história autorreferente carregada de significado”. Oliveira e Satriano (2018) complementam que a construção da narrativa expõe pensamentos, sentimentos, dúvidas e certezas, compondo um texto marcado pela subjetividade. Dessa forma, não se trata de reconstituir os fatos de maneira neutra, mas de refletir criticamente sobre escolhas, circunstâncias e impactos sociais de uma trajetória que se inscreve em um contexto cultural e institucional específico.

Entre as tipologias da pesquisa autobiográfica, esta se aproxima daquela identificada por Wiercinski (2014), que a concebe como um instrumento de formação ao narrar o percurso acadêmico e apontar caminhos para o desenvolvimento pessoal e profissional de estudantes universitários. Pineau (1999 *apud* Silva; Mendes, 2009) distingue quatro modalidades de escritas de vida: biografia, autobiografia, relatos orais e histórias de vida. Este trabalho se insere na segunda, por tratar da escrita da própria experiência do pesquisador, articulando dimensões individuais e coletivas.

No percurso formativo, destaco dois aspectos iniciais. O primeiro diz respeito à progressão das exigências acadêmicas: nos semestres iniciais, as tarefas eram menos complexas, o que reduzia a necessidade de uma rede de apoio mais estruturada. O segundo relaciona-se ao início do tratamento medicamentoso após uma infância marcada por terapias psicológicas, ainda sem diagnóstico confirmado, mas já com efeitos visíveis no comportamento. Esses fatores serão aprofundados ao longo da narrativa, na análise dos desafios enfrentados.

Complementarmente, a pesquisa também assume um caráter documental, uma vez que envolve a análise de legislações, políticas institucionais de inclusão, regimentos e diretrizes da universidade que tratam do atendimento a estudantes com deficiência, incluindo o TEA. Para Pádua (1997, p. 62), a pesquisa documental, baseada em fontes autênticas, possibilita descrever e comparar fenômenos sociais, identificando tendências e características históricas.

A análise dos dados será realizada por meio da técnica de análise de conteúdo, buscando interpretar tanto os documentos institucionais quanto os registros narrativos. Os dados serão organizados em categorias temáticas relacionadas às barreiras institucionais, sociais e pedagógicas, bem como às estratégias formativas e inclusivas. Assim, a combinação da

A TRAJETÓRIA FORMATIVA DE UM ESTUDANTE COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA
NO CURSO DE PEDAGOGIA EM UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA BAIANA: NARRATIVA
AUTOBIOGRÁFICA

Fagner Bispo Afonso • Lilian Moreira Cruz

abordagem autobiográfica com a documental permitirá uma compreensão mais ampla e crítica sobre os desafios enfrentados por estudantes autistas no ensino superior, contribuindo para reflexões acerca das políticas e práticas de inclusão universitária.

Trajétoria pessoal e formativa: desafios na/para convivência social

Sou um estudante de 23 anos, diagnosticado com Transtorno do Espectro Autista (TEA) tardiamente, aos 21 anos, e atualmente curso Licenciatura em Pedagogia em uma universidade pública baiana. A fim de favorecer a compreensão da minha trajetória pessoal e formativa, apresento a seguir uma reflexão organizada em tópicos.

a) O diagnóstico tardio: causas prováveis e consequências

O diagnóstico tardio pode ser compreendido a partir de múltiplos fatores. Entre eles, destaco os estímulos ambientais e educacionais aos quais estive exposto desde a infância, sobretudo relacionados à leitura e à escrita. Inserido em um contexto familiar letrado — a maioria dos familiares maternos já possuía formação universitária, além de ter pais vinculados ao campo da educação formal, cresci em um ambiente que favorecia o desenvolvimento acadêmico. Some-se a isso o fato de ter frequentado, em grande parte da minha trajetória escolar, instituições privadas, geralmente com melhores condições pedagógicas, estruturais e didáticas em comparação às públicas.

Esse cenário contribuiu para que as habilidades de leitura e escrita se desenvolvessem de modo consistente, mascarando lacunas em áreas como a social, emocional, motora e executiva. Trata-se de uma hipótese também considerada por Brum (2022, p. 69), ao afirmar que “pessoas com autismo com características consideradas ‘leves’ na infância podem passar pelos olhares da família, escola e por profissionais, e não terem um diagnóstico assertivo”.

Entre as consequências do diagnóstico tardio, destaco duas principais de caráter negativo. A primeira foi o receio de minha mãe quanto à veracidade do laudo, uma vez que, na adolescência, eu havia recebido um diagnóstico equivocado de esquizofrenia. A segunda foi a aversão que desenvolvi em relação aos profissionais de Psicologia, devido ao fato de nunca terem levantado a hipótese do autismo, apesar das frequentes consultas na infância e adolescência. Essa resistência me afastou, por um período, do acompanhamento terapêutico. Além disso, a insistência de minha mãe em manter tratamentos voltados à esquizofrenia



A TRAJETÓRIA FORMATIVA DE UM ESTUDANTE COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA
NO CURSO DE PEDAGOGIA EM UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA BAIANA: NARRATIVA
AUTOBIOGRÁFICA

Fagner Bispo Afonso • Lilian Moreira Cruz

resultou no uso de medicações inadequadas, cujos impactos em minha saúde ainda não são totalmente previsíveis.

Em contrapartida, o diagnóstico também trouxe efeitos positivos, sobretudo a possibilidade de, pela primeira vez, compreender minha própria história, minhas motivações e os sentidos das experiências que vivi. Esse processo de autocompreensão foi libertador, sentimento que, segundo Brum (2022), também é relatado por outros autistas diagnosticados na vida adulta, que utilizam termos como “foi um alívio”, “libertador” e “tudo passou a fazer sentido”.

As experiências narradas por participantes da pesquisa de Brum (2022) apresentam semelhanças notáveis com a minha trajetória. Um deles relata que seu médico ocultou o diagnóstico durante três anos, situação que remete ao fato de minha mãe também ter negado, por um tempo, minha condição. Outro participante menciona ter recebido, durante a infância, diagnósticos diversos, incluindo o de esquizofrenia, algo que também ocorreu comigo na adolescência.

A pesquisa de Brum (2022) ainda aponta que todos os entrevistados eram autistas de nível 1 de suporte, considerado “leve”. Essa condição favorece que muitos passem despercebidos durante a infância, sendo diagnosticados apenas na vida adulta, o que reforça a dificuldade de identificação de casos em que os sinais são mais sutis.

b) Características precoces

Apesar do diagnóstico tardio, sinais de especificidades sempre estiveram presentes em minha vida desde a infância. Entre eles, destaco: dificuldades de socialização, formação de grupos muito restritos de amizade sem vínculos emocionais consistentes, interesses intensos e restritos (inicialmente em super-heróis, depois em jogos de esporte), dificuldades de compreensão de regras sociais, especialmente no que diz respeito à autonomia e ao autocuidado, além de dificuldades motoras e executivas para realizar tarefas fora da “zona de conforto”.

Na trajetória escolar, minha comunicação se concentrava em apenas um colega, de modo pontual e restrito ao ambiente escolar. Fora desse espaço, não havia interesse em interações sociais com outras crianças. Diante disso, minha mãe buscava alternativas para estimular minha socialização por meio de cursos extracurriculares (línguas, música, futsal), dos quais apenas o último apresentava resultados, ainda que limitados ao ambiente da prática. Outro aspecto marcante foram os hiperfocos. Na infância, vivenciei um grande apego aos personagens Homem-Aranha e Batman, desenhando-os diariamente, consumindo filmes,

A TRAJETÓRIA FORMATIVA DE UM ESTUDANTE COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA
NO CURSO DE PEDAGOGIA EM UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA BAIANA: NARRATIVA
AUTOBIOGRÁFICA

Fagner Bispo Afonso • Lilian Moreira Cruz

DVDs e fantasias, e cogitando até ir à escola caracterizado, o que foi impedido por minha mãe. Mais tarde, entre 7 e 8 anos, esse foco voltou-se para o personagem Ben-10. Já na adolescência, o interesse principal passou a ser pelos videogames, especialmente jogos de futebol, que permanecem até hoje como um de meus principais hiperfocos, ao lado da corrida.

Também enfrentei dificuldades significativas relacionadas às regras sociais de autonomia e autocuidado. Apesar de receber repetidas instruções, não conseguia executar determinadas tarefas cotidianas, como amarrar cadarços, nadar, andar de bicicleta ou encher balões. Da mesma forma, atividades de autocuidado, como manter higiene adequada, escovar os dentes mais de uma vez ao dia ou compreender a necessidade de banhos diários, foram assimiladas de forma tardia, ocasionando constrangimentos que marcaram esse período da minha vida.

Desafios institucionais e acadêmicos enfrentados

A escolha pelo curso de Licenciatura em Pedagogia, em uma universidade pública baiana, resultou de um processo intenso de autorreflexão sobre minha trajetória escolar e pessoal. Ao analisar meu perfil como aluno e como sujeito, percebi que, entre todos os cursos ofertados, era a Pedagogia que mais dialogava com minhas inclinações, tanto em termos de conteúdos (ementas) quanto de perspectivas profissionais. A formação pedagógica, pela sua amplitude, abre caminhos que vão da docência à pesquisa e à gestão, possibilitando uma atuação plural no campo da educação. Um fator secundário, mas igualmente significativo, foi minha passagem pelo Exército, experiência que, ao mesmo tempo em que me revelou limites pessoais, trouxe valores que preservo até hoje e outros que conscientemente abandonei. Esse período foi um exercício de autoconhecimento que me ajudou a tomar decisões mais conscientes sobre meus próximos passos.

Minha jornada universitária teve início em março de 2022, ainda antes de receber o diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA). Esse dado é relevante porque, sem o diagnóstico, eu não contava com nenhum suporte institucional específico. No início, os desafios eram relativamente leves, sobretudo porque as disciplinas iniciais apresentavam uma complexidade menor, em termos de carga horária e conteúdo, e ainda não demandavam a “rede de apoio” que muitos autistas precisam para sustentar sua permanência no ensino superior. Além disso, naquela época, eu havia começado um tratamento medicamentoso, que trouxe

A TRAJETÓRIA FORMATIVA DE UM ESTUDANTE COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA
NO CURSO DE PEDAGOGIA EM UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA BAIANA: NARRATIVA
AUTOBIOGRÁFICA

Fagner Bispo Afonso • Lilian Moreira Cruz

efeitos terapêuticos visíveis em meu comportamento. Com o tempo, contudo, esses efeitos foram diminuindo, e as demandas acadêmicas se intensificaram.

As barreiras mais significativas que enfrento no cotidiano dizem respeito às atitudes sociais e institucionais. O simples ato de sair de casa já implica riscos de desregulação. Por exemplo, solicitei à coordenação do transporte universitário o direito de usar o assento preferencial próximo ao motorista, recurso que me garante previsibilidade e bem-estar para enfrentar o dia. Embora a solicitação tenha sido aceita e comunicada à comunidade, muitas vezes encontrei o assento ocupado, e jamais algum colega interveio em meu favor; sempre eu tive de reivindicar o direito, o que é emocionalmente desgastante. Situações semelhantes ocorrem no restaurante universitário: apesar de utilizar a fila preferencial, destinada a pessoas com deficiência, já fui alvo de acusações de “furar fila”, o que evidencia o desconhecimento e, muitas vezes, a falta de sensibilidade de colegas sobre o direito à acessibilidade. Esses episódios confirmam que, embora a universidade promova disciplinas e eventos sobre Educação Inclusiva, ainda há um abismo entre o discurso e a prática cotidiana.

No plano acadêmico, minhas maiores dificuldades decorrem da padronização das atividades, sobretudo aquelas que exigem autonomia ampliada, como leituras extensas, pesquisas individuais e cumprimento de prazos rígidos. Essas exigências, típicas do ambiente universitário, tornam-se barreiras que reduzem minhas possibilidades de aprendizagem. É nesse ponto que se evidencia a necessidade de um atendimento mais individualizado, conforme destacam autores que discutem o TEA na educação. Rezende (2019, p. 136) afirma que “cada indivíduo autista possui características próprias e muito particulares, não sendo possível fazer generalizações ou comparações”. De forma complementar, Carvalho (2017, p. 36) ressalta que as práticas pedagógicas não devem se centrar nas características do autismo em si, mas nas habilidades singulares de cada sujeito. Essa perspectiva é fundamental, pois desloca o olhar do diagnóstico para a pessoa, reforçando a importância de enxergar o aluno autista em sua singularidade: “[...] No caso das pessoas com autismo, há uma ampla variação de sintomas e características que podem ser manifestadas em diferentes níveis de gravidade, que requerem informações além do diagnóstico, pautadas em um conhecimento singular das necessidades e possibilidades de cada educando” (Carvalho, 2017, p. 129).

Na prática, desenvolvi algumas estratégias de enfrentamento. Um dos recursos mais importantes é recorrer aos meus hiperfocos, especialmente o futebol, que funciona como mecanismo de autorregulação. Em situações de sala de aula em que sinto maior desregulação emocional, utilizo a saída temporária como estratégia de estabilização para não perder totalmente o conteúdo. Contudo, nem sempre tais mecanismos são compreendidos pelos

A TRAJETÓRIA FORMATIVA DE UM ESTUDANTE COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA
NO CURSO DE PEDAGOGIA EM UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA BAIANA: NARRATIVA
AUTOBIOGRÁFICA

Fagner Bispo Afonso • Lilian Moreira Cruz

professores ou colegas, o que gera constrangimentos. Essa falta de compreensão já foi apontada em estudos. Carvalho (2017), por exemplo, ao acompanhar a trajetória de um estudante autista no ensino superior, registrou o estranhamento de professores diante de comportamentos como saídas constantes da sala ou uso de videogame durante as aulas, embora esses comportamentos não tenham comprometido a aprendizagem ou o respeito às regras institucionais. Isso reforça a ideia de que é necessário ampliar a compreensão docente sobre os modos de funcionamento de estudantes autistas.

Nesse sentido, o Núcleo de Acessibilidade e Atendimento Educacional Especializado (NAAEE) tem sido um suporte importante em minha trajetória. Desde 2022, o setor me auxilia tanto no diálogo com professores quanto na gestão de atividades mais complexas. Contudo, a insuficiência de profissionais diante da crescente demanda de estudantes com autismo compromete a qualidade do atendimento. Essa situação revela uma contradição: ao mesmo tempo em que há avanços institucionais nas políticas de inclusão, como a criação de núcleos especializados, a ausência de investimentos adequados limita seu alcance.

O papel dos professores, entretanto, permanece central. Para pessoas autistas, não se trata apenas de adaptar atividades, mas de exercer uma mediação efetiva. Como afirma Cunha (2017), não se pode esperar que alunos com TEA tomem, sozinhos, todas as iniciativas de aprendizagem. A perspectiva histórico-cultural de Vigotski reforça essa ideia: “[...] O professor deixa de ser visto como agente detentor do conhecimento, porém sua função no contexto escolar é de extrema relevância, pois ele se constitui como elemento mediador (e possibilitador) das interações entre os alunos e os objetos de conhecimento” (Carvalho, 2017, p. 117).

As experiências de estágio curricular, realizadas na Educação Infantil, nos Anos Iniciais e na Coordenação, foram momentos decisivos em minha formação. A prática obrigava ao contato com colegas, gestores, famílias e alunos, intensificando as demandas sociais. Vigotski (1997 *apud* Carvalho, 2017) já havia ressaltado que a aprendizagem de pessoas com deficiência se constrói nas possibilidades de interação social. Não por acaso, a compreensão e o acolhimento das equipes escolares e das minhas duplas de estágio foram determinantes para minha permanência. Sem esse apoio, o risco de desistência seria maior, pois, como aponta Attwood (2010, p. 378 *apud* Oliveira e Abreu, 2019), muitos estudantes autistas não abandonam os cursos por falta de capacidade intelectual, mas pelo estresse decorrente da sobrecarga.

Uma das experiências mais significativas ocorreu no Estágio de Coordenação, quando atuei na sala de AEE de uma escola, acompanhando dois alunos com deficiência intelectual. Com apoio da professora do AEE e do NAAEE, desenvolvi materiais de orientação tanto para professores quanto para as famílias desses alunos. Além de intervir pedagogicamente,



A TRAJETÓRIA FORMATIVA DE UM ESTUDANTE COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA
NO CURSO DE PEDAGOGIA EM UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA BAIANA: NARRATIVA
AUTOBIOGRÁFICA

Fagner Bispo Afonso • Lilian Moreira Cruz

compartilhei minha experiência como universitário autista, reforçando a importância do apoio institucional e familiar. Essa experiência me marcou profundamente, pois ressignificou minha própria trajetória a partir do encontro com outros sujeitos que também vivenciam barreiras educacionais.

As disciplinas do curso, especialmente a de Educação Especial e Inclusiva, ministrada no quarto semestre, e os eventos, como o VIII Simpósio de Pedagogia ocorrido em 2024, também foram fundamentais para meu processo de autoaceitação. Foi nesse período que tive acesso ao diagnóstico de TEA e, ao mesmo tempo, encontrei espaços de diálogo e de escuta. O curso me mostrou que qualquer pessoa, independentemente de suas limitações, pode aprender, desde que haja metodologias adequadas e respeito às singularidades.

Entretanto, ao analisar criticamente as políticas de inclusão da universidade, percebo tanto avanços quanto lacunas. É verdade que existem ações como a formação contínua de professores e a criação de filas preferenciais. Mas demandas mais profundas, como a criação de salas sensoriais ou a realização de eventos protagonizados por estudantes com deficiência, ainda não foram concretizadas. Minha hipótese é que a heterogeneidade dos perfis dos estudantes autistas dificulta a formulação de políticas coletivas. Muitas vezes, as demandas são mais individuais do que comuns, o que exige da instituição uma postura ainda mais atenta, flexível e dialógica.

Em síntese, a formação em Pedagogia tem sido, para mim, não apenas um percurso acadêmico, mas um processo de autoconhecimento, de enfrentamento das barreiras institucionais e sociais e de afirmação da minha identidade como pessoa com TEA e como futuro pedagogo. Ao narrar essa trajetória, percebo que ela traduz não apenas minhas experiências, mas também os limites e desafios das políticas educacionais inclusivas no ensino superior brasileiro.

Considerações Finais

As reflexões desenvolvidas ao longo deste trabalho evidenciam que a trajetória de um estudante com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no Ensino Superior é permeada por desafios institucionais, sociais e pedagógicos que exigem estratégias de superação tanto do indivíduo quanto da própria universidade. A narrativa autobiográfica aqui construída possibilitou revelar nuances que dificilmente seriam acessadas apenas por pesquisas quantitativas ou documentais, reafirmando o valor da subjetividade como fonte legítima de produção de conhecimento.



A TRAJETÓRIA FORMATIVA DE UM ESTUDANTE COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA
NO CURSO DE PEDAGOGIA EM UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA BAIANA: NARRATIVA
AUTOBIOGRÁFICA

Fagner Bispo Afonso • Lilian Moreira Cruz

Ao analisar as minhas experiências vividas, foi possível compreender que a inclusão de estudantes com TEA no Ensino Superior ainda enfrenta barreiras significativas, que vão desde atitudes discriminatórias de colegas até a insuficiência de políticas institucionais realmente efetivas. Apesar dos avanços legais conquistados nas últimas décadas, a realidade mostra que a implementação prática dessas normativas é lenta e, muitas vezes, não responde às especificidades do público autista, sobretudo em universidades públicas localizadas fora dos grandes centros urbanos.

Outro ponto central evidenciado foi o impacto da rede de apoio, formada por professores, familiares e setores institucionais como o NAAEE, na permanência e no sucesso acadêmico. Ainda que limitada em termos de recursos humanos e estruturais, essa rede representou um suporte fundamental, mostrando que práticas de acolhimento, quando realizadas com sensibilidade e compromisso, podem transformar significativamente a experiência formativa de estudantes autistas.

Além disso, a pesquisa reforça a necessidade urgente de formação continuada para docentes e servidores das universidades, de forma que estejam preparados para lidar com a diversidade. A inclusão não se faz apenas com legislações e normativas, mas com mudanças de postura, metodologias de ensino diferenciadas e a valorização da singularidade de cada estudante. A universidade, enquanto espaço plural e democrático, precisa assumir a responsabilidade de criar condições reais de participação e aprendizagem para todos.

Por fim, esta narrativa autobiográfica não pretendeu encerrar o debate sobre a inclusão de estudantes com TEA no Ensino Superior, mas contribuir para ampliá-lo, trazendo um testemunho que é, ao mesmo tempo, individual e representativo de um coletivo que ainda luta por reconhecimento. Que este estudo sirva como incentivo para novas pesquisas e para o fortalecimento de políticas e práticas inclusivas, reafirmando a convicção de que a educação só se torna verdadeiramente emancipadora quando garante espaço, voz e condições para que todos aprendam e se desenvolvam plenamente.

Referências

AGUILAR, Claudia Paola Carrasco; RAULI, Patrícia Forte. Desafios da inclusão: a invisibilidade das pessoas com Transtorno do Espectro Autista no ensino superior. **Revista Educação Especial**, v. 33, p. 1-26, 2020. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/3131/313162288042/html/>. Acesso em: 7 maio 2025.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.



A TRAJETÓRIA FORMATIVA DE UM ESTUDANTE COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA
NO CURSO DE PEDAGOGIA EM UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA BAIANA: NARRATIVA
AUTOBIOGRÁFICA

Fagner Bispo Afonso • Lilian Moreira Cruz

ASSUMPCÃO JR.; KUCZYNSKI, José Salomão. Diagnóstico Diferencial psiquiátrico no Autismo Infantil. In: SCHWARTZMAN, José Salomão; ARAÚJO, Ceres Alves. **Transtorno Do Espectro Do Autismo**: São Paulo: Memnon, 2011. p. 43-54.

BLEULER, Eugen. **Dementia Praecox ou o grupo das esquizofrenias**. Lisboa: Edição portuguesa, Climepsi editores, 2005.

BRASIL. **Decreto nº3.298**, de 20 de dezembro de 1999. Regulamenta a Lei nº 7.853, de 24 de outubro de 1989, dispõe sobre a Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, consolida as normas de proteção, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 21 dez. 1999, Seção 1, n. 243, p.10-15.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. LDB - **Lei nº 9394/96**, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC/SEESP, 2008.

BRASIL. **Lei nº 12.764** de 27 de dezembro de 2012. Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtornos do Espectro Autista. Presidência da República, Casa Civil.

BRASIL. **Lei nº 13.146**, de 06 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm. Acesso em: 23 mar. 2025.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Censo da Educação Superior 2018**: notas estatísticas. Brasília, 2019.

BRUM, Vanessa Rodrigues Amorim da Silva. **Adultos autistas: permanência na educação superior e participação no mundo do trabalho**. 2022. 96 f. Dissertação (Mestrado em Cognição e Linguagem) - Centro de Ciências do Homem, Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Campos dos Goytacazes, 2022.

CARVALHO, Dulcimar Lopes. **A trajetória de inclusão de um estudante com autismo, da educação básica à educação superior**: desafios e possibilidades. 2017. 162 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade da Região de Joinville, Joinville, 2017.

CUNHA, Eugênio. **Autismo e inclusão**: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família. 7 ed. Rio de Janeiro: Wak, 2017.

FERREIRA, Joana Cristina Paulino. **Estudo exploratório da qualidade de vida de cuidadores de pessoas com perturbação do espectro do autismo**. Porto, 2009. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/21751/2/39525.pdf>. Acesso em: 29 ago. 2025.



A TRAJETÓRIA FORMATIVA DE UM ESTUDANTE COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA
NO CURSO DE PEDAGOGIA EM UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA BAIANA: NARRATIVA
AUTOBIOGRÁFICA

Fagner Bispo Afonso • Lilian Moreira Cruz

MALHEIROS, Glícia Campanharo; PEREIRA, Manuela Lordelo Caldas; MANSUR, Marcela Carvalho; MANSUR, Odila Maria Ferreira de Carvalho; NUNES, Leila Regina de Oliveira de Paula. Benefícios da intervenção precoce na criança Autista. **Revista Científica da FMC**, vol. 12, n. 1, 2017. Disponível em:

<https://revista.fmc.br/ojs/index.php/RCFMC/article/view/12>. Acesso em: 29 ago. 2025.

OLIVEIRA, Ana Flávia Teodoro de Mendonça; ABREU, Tiago Florêncio de. A percepção do aluno com transtorno do espectro autista sobre o processo de inclusão na Universidade Federal de Goiás (UFG). **Revista Diálogos e Perspectivas em Educação Especial**, v. 6, n. 2, p. 69-86, jul.-dez., 2019. Disponível em:

<https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/dialogoseperspectivas/article/view/8897>. Acesso em: 29 ago. 2025.

OLIVEIRA, Valéria Marques de; SATRIANO, Cecília Raquel. Narrativa autobiográfica do próprio pesquisador como fonte e ferramenta de pesquisa. **Linhas Críticas**, v. 23, n. 51, p. 369-386, 2018. Disponível em:

<https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/8231>. Acesso em: 01 set. 2025.

PÁDUA, Elisabete Matallo Marchezine de. **Metodologia da pesquisa: abordagem teórico-prática**. 2. ed. Campinas: Editora Papiros, 1997.

PEREIRA, Andreia Quintas. **Transtorno do espectro autista: uma experiência no ensino superior**. 2019. 132 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Cidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

REZENDE, Rosana Meire Cazadei. **Formação docente para inclusão do aluno com transtornos do espectro autista no ensino superior**. 2019. 151 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Oeste Paulista, Presidente Prudente, 2019.

SANTOS, Wellington Farias dos; SANTANA, Vinícius Santos; DIAS, Lucas de Souza Santos; TEIXEIRA, Cristina Maria D'Ávila; PONDÉ, Milena Pereira. A Inclusão da Pessoa com Autismo no Ensino Superior. **Revista Entreideias**, Salvador, v. 9, n. 3, p. 51-66, set./dez. 2020. Disponível em:

<https://periodicos.ufba.br/index.php/entreideias/article/view/33786>. Acesso em: 23 mar. 2025.

SILVA, F. C. R.; MENDES, B. M. M. (Auto)biografia, pesquisa e formação: aproximações epistemológicas. **GT 2. V Encontro de Pesquisa em Educação**. Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação. 18 a 20 de março de 2009. Universidade Federal do Piauí (UFPI), 2009.

SILVA, Solange Cristina da; SCHNEIDER, Daniela Ribeiro; KASZUBOWSKI, Erikson; NUERNBERG, Adriano Henrique. Estudantes com transtorno do espectro autista no ensino superior: analisando dados do INEP. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 24, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-35392020217618>.

SOUZA, Ninodja Thaysi Barbalho da Silva. **Percepções de estudantes com Transtorno do Espectro Autista quanto aos processos de inclusão: acesso e permanência na UFRN**. 2023. 174 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2023.



A TRAJETÓRIA FORMATIVA DE UM ESTUDANTE COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA
NO CURSO DE PEDAGOGIA EM UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA BAIANA: NARRATIVA
AUTOBIOGRÁFICA

Fagner Bispo Afonso • Lilian Moreira Cruz

YIN, Robert K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. 1. ed. Porto Alegre: Penso, 2016.

WIERCINSKI, Gilmar. Pesquisa auto-biográfica: uma introdução metodológica. **Ensaio teórico**. Evento XIX Jornada de Pesquisa. Campus Ijuí, Santa Rosa, Panambi e Três Passos, 2014. Disponível em: <https://www.publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/salaconhecimento/article/view/3474>. Acesso em: 7 de maio de 2025.

SOBRE OS/AS AUTORES/AS

Fagner Bispo Afonso. Graduando em Pedagogia pela Universidade Estadual de Santa Cruz. Integrante do Grupo de Pesquisa Paulo Freire. <http://lattes.cnpq.br/1533608532663771>

Lilian Moreira Cruz. Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Docente Adjunta da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC) e do Programa de Pós-Graduação em Educação/UESC. Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Infantil/UESC. Coordenadora do Programa Coletivo Paulo Freire. <http://lattes.cnpq.br/5600692150509688>

Como citar

AFONSO, Fagner Bispo; CRUZ, Lilian Moreira. A trajetória formativa de um estudante com Transtorno do Espectro Autista no curso de Pedagogia em uma universidade pública baiana: narrativa autobiográfica. **Revista de Estudos em Educação e Diversidade**, Itapetinga, v. 7, n. 14, p. 1-17, jan./dez. 2026.

